

A IMPORTÂNCIA E A NECESSIDADE DO ATO DE BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Thays de Andrade Lima¹
Renato Rodrigues²

RESUMO

O ato de brincar é essencial na educação infantil, pois contribui significativamente para o desenvolvimento cognitivo, social, emocional e motor das crianças. Mais do que um simples passatempo, o brincar promove aprendizagens significativas, estimula a criatividade e fortalece a autonomia. O objetivo foi explorar e compreender a importância e a necessidade do ato de brincar na educação infantil, com ênfase nos impactos positivos que essa prática proporciona ao desenvolvimento infantil. A metodologia baseou-se em revisão de literatura, que busca reunir e analisar as contribuições de diferentes estudos e teorias acerca do papel do brincar na educação infantil. Os resultados apontam que o brincar favorece a criatividade, o senso de capacidade e a independência, sendo um instrumento pedagógico eficaz. No entanto, pressões por currículos acadêmicos e a visão limitada do brincar como “passatempo” representam desafios significativos. Para superar esses obstáculos, é essencial a formação de professores, a garantia de espaços adequados e a integração de práticas lúdicas aos currículos escolares. Conclui-se que o brincar deve ser reconhecido como direito fundamental e recurso pedagógico indispensável, exigindo esforços coletivos de escolas, famílias e políticas públicas para garantir que as crianças vivenciem plenamente essa etapa da vida. O trabalho reforça que a valorização do brincar como fundamental para promover o aprendizado significativo e o bem-estar infantil, configurando-se como uma prática indispensável na educação infantil.

Palavras-Chaves: Brincar; Educação Infantil; Desenvolvimento Integral; Aprendizagem Lúdica.

¹ Acadêmica do Curso de Pedagogia do Centro Universitário FACVEST-UNIFACVEST, orientanda da disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II (2004). Email: thays.andrade.aluno@unifacvest.edu.br.

² Professor da disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II (2024), do Curso de Pedagogia do Centro Universitário FACVEST-UNIFACVEST e orientador do artigo. Coordenador do Curso de Pedagogia (UNIFACVEST). Pedagogo (FEDAVI/UNIDAVI), Psicopedagogo/Especialização (UNIDAVI), Tutoria em Educação a Distância/Especialização (UNIFACVEST), Mestre em Sociologia Política (UFSC), Mestre em Direito (Universidade Veiga de Almeida – UVA), Doutor em Direito (Universidade Veiga de Almeida – UVA), Editor da Revista Synthesis UNIFACVEST, Avaliador MEC/INEP, Professor e Pró-Reitor do Centro Universitário Facvest – UNIFACVEST. Email: prpe@unifacvest.edu.br.

ABSTRACT

The act of playing is essential in early childhood education, as it contributes significantly to children's cognitive, social, emotional and motor development. More than a simple pastime, playing promotes meaningful learning, stimulates creativity and strengthens autonomy. The objective was to explore and understand the importance and necessity of playing in early childhood education, with an emphasis on the positive impacts that this practice provides on child development. The methodology was based on bibliographical research, with the analysis of works by renowned authors, such as Piaget (1964), Vygotsky (1998), and Kishimoto (2010), in addition to studies on public policies and pedagogical organization. The results indicate that playing favors creativity, a sense of capacity and independence, being an effective pedagogical tool. However, pressures for academic curricula and the limited view of play as a “pastime” pose significant challenges. To overcome these obstacles, teacher training, ensuring adequate spaces and integrating playful practices into school curricula are essential. It is concluded that playing must be recognized as a fundamental right and an indispensable pedagogical resource, requiring collective efforts from schools, families and public policies to ensure that children fully experience this stage of life. The work reinforces the importance of playing as fundamental to promoting meaningful learning and children's well-being, becoming an indispensable practice in early childhood education.

Keywords: Play; Early Childhood Education; Integral Development; Playful Learning.

1 INTRODUÇÃO

A infância é uma fase de descobertas, onde as experiências cotidianas contribuem para a formação da identidade, do entendimento do mundo e das relações interpessoais. Nesse cenário, o ato de brincar assume um papel central, revelando-se como uma das formas mais ricas e naturais de aprendizagem para as crianças. Brincar é um processo fundamental, não apenas para o desenvolvimento cognitivo, mas também para o desenvolvimento emocional, social e motor. Ao brincar, as crianças experimentam situações imaginárias, lidam com problemas, aprendem a expressar suas emoções e a estabelecer conexões com as outras pessoas. É por meio dessa atividade que os pequenos exploram o mundo e integram conceitos básicos sobre si mesmos e o ambiente que os rodeia.

Para muitos teóricos do desenvolvimento infantil, como Jean Piaget e Lev Vygotsky, o brincar é visto como uma prática indispensável para a educação infantil, pois possibilita a criação de estruturas de pensamento e de comportamentos sociais que serão fundamentais para o desenvolvimento posterior da criança. Piaget, por exemplo, argumenta que a brincadeira simbólica, onde as crianças utilizam a imaginação para simular situações, auxilia na construção de esquemas mentais que promovem o desenvolvimento cognitivo (Piaget, 1962). Vygotsky, por outro lado, enfatiza o valor social do brincar, destacando que, ao interagir com outros, as crianças aprendem a compartilhar, a negociar e a resolver conflitos, desenvolvendo habilidades sociais cruciais para a vida em sociedade (Vygotsky, 1984).

O presente estudo tem como objetivo explorar e compreender a importância e a necessidade do ato de brincar na educação infantil, com ênfase nos impactos positivos que essa prática proporciona ao desenvolvimento infantil. Busca-se, assim, justificar o papel central que as atividades lúdicas ocupam no processo educacional da primeira infância, especialmente nas interações pedagógicas, em que o brincar não apenas apoia o aprendizado, mas também promove um ambiente favorável ao desenvolvimento emocional e social.

A escolha desse tema justifica-se pela crescente valorização da educação infantil como etapa estruturante do desenvolvimento humano. Nas últimas décadas, diversos estudos apontam que brincar é uma forma pela qual a criança comunica suas emoções, constrói sua identidade, desenvolve a criatividade e aprende a resolver problemas (Kishimoto, 2010). No entanto, em muitas abordagens educacionais, ainda existe uma visão restrita sobre a relevância do brincar, reduzindo-o, por vezes, a uma atividade secundária. Assim, investigar o papel do brincar na educação infantil não apenas evidencia sua importância para o desenvolvimento das crianças, mas também contribui para reforçar a necessidade de práticas pedagógicas que reconheçam o valor dessa atividade no currículo escolar, incentivando políticas públicas que promovam ambientes escolares ricos em oportunidades de brincadeira e interação.

A metodologia adotada para este trabalho é uma revisão de literatura, que busca reunir e analisar as contribuições de diferentes estudos e teorias acerca do papel do brincar na educação infantil. Para tanto, foram consultadas fontes bibliográficas variadas, incluindo artigos científicos, livros e publicações de instituições de referência em desenvolvimento infantil e educação. A revisão de literatura permite compreender a evolução histórica e teórica sobre o tema, bem como identificar as práticas pedagógicas

mais adequadas para incorporar o brincar ao ambiente escolar de forma estruturada e eficaz. Além disso, a análise bibliográfica facilita a compreensão de como diferentes culturas e correntes pedagógicas abordam o brincar, oferecendo uma visão rica e abrangente sobre sua importância.

Este estudo visa, portanto, contribuir para a valorização do brincar como um direito essencial da criança e um elemento fundamental no currículo da educação infantil. Ao destacar a importância do brincar, espera-se sensibilizar educadores, gestores e responsáveis por políticas públicas sobre a necessidade de promover ambientes educacionais onde o brincar seja reconhecido como um componente indispensável do desenvolvimento infantil, com efeitos profundos e duradouros na formação integral da criança.

2 CONCEITO E PAPEL DO BRINCAR NA EDUCAÇÃO

O ato de brincar é uma atividade fundamental na infância, desempenhando um papel central no desenvolvimento integral das crianças. Mais do que uma prática de lazer, brincar é um meio privilegiado pelo qual os pequenos constroem conhecimentos, desenvolvem habilidades cognitivas, sociais, emocionais e motoras, além de explorarem e experimentarem o mundo ao seu redor. Como destaca Kishimoto (2010), "o brincar é uma atividade que transcende o simples passatempo, sendo essencial para o desenvolvimento e a formação da criança como um ser integral".

A distinção entre brincadeira e jogo é importante para compreender os diferentes modos como a criança interage com o meio. Kishimoto (2010) define a brincadeira como uma atividade espontânea, prazerosa e predominantemente livre, que permite à criança criar e recriar situações, exercitando sua imaginação e criatividade. Já o jogo, embora também seja lúdico, possui regras específicas que estruturam a atividade, desafiando a criança a desenvolver capacidades cognitivas, como a atenção, o raciocínio lógico e a memória.

Segundo Piaget (1964), o jogo representa um meio pelo qual a criança assimila a realidade à sua maneira, reorganizando o mundo externo a partir de suas próprias percepções e estruturas cognitivas. Essa distinção permite compreender como essas práticas contribuem para o aprendizado e a socialização, seja pela liberdade da brincadeira, seja pela estruturação e desafios do jogo.

No brincar livre, a criança é protagonista, decidindo suas ações e explorando o

ambiente de maneira espontânea. Esse tipo de brincar possibilita uma liberdade criativa que favorece a autonomia, a experimentação e o desenvolvimento da imaginação. Barbosa e Horn (2001) destacam que "o brincar livre é um momento em que a criança se expressa sem a intervenção direta do adulto, explorando suas ideias, sentimentos e desejos".

Por outro lado, o brincar orientado é mediado por um adulto, geralmente com objetivos pedagógicos específicos. Delval (2003) argumenta que essa orientação pode ser útil para introduzir conceitos e estimular habilidades, desde que o caráter lúdico seja preservado. Essa prática não deve ser confundida com uma imposição de regras rígidas, mas sim com um direcionamento que favoreça o aprendizado em contextos significativos.

O brincar, sendo uma atividade universal, é amplamente estudado por diferentes teóricos da psicologia e da educação. Cada perspectiva lança luz sobre aspectos distintos do papel do brincar no desenvolvimento infantil:

Jean Piaget (1964) considera o brincar uma forma de assimilação, um processo no qual a criança adapta o ambiente às suas estruturas cognitivas existentes. Ele identifica três tipos de jogos que refletem o desenvolvimento infantil:

Jogos de exercício	Predominantes na primeira infância, envolvendo ações motoras repetitivas, como chacoalhar objetos ou engatinhar.
Jogos simbólicos	Caracterizados pela representação e imaginação, em que a criança cria cenários fictícios, ou seja, aparecem na fase pré-operatória e são marcados pela imaginação e pela capacidade de representar situações do cotidiano.
Jogos de regras	Surgem com o desenvolvimento do pensamento operacional, exigindo cooperação, negociação e compreensão de normas.

Para Piaget, "o jogo não é apenas uma distração; é uma atividade intelectual criativa que ajuda a criança a compreender e reorganizar sua realidade" (1964, p. 83). Ou seja, para Piaget, o brincar promove a construção de esquemas mentais e a ampliação das capacidades cognitivas. Para Piaget,

Vygotsky (1998) enfatiza o caráter social e cultural do brincar. Para ele, ao brincar, a criança internaliza normas, valores e significados do ambiente em que vive, desenvolvendo funções psicológicas superiores, como atenção voluntária e pensamento abstrato. O autor destaca o papel do brincar simbólico como um exercício de imaginação que possibilita à criança transcender os limites do mundo imediato. "No brincar, a criança sempre se comporta além do seu comportamento habitual [...] como se fosse maior do que realmente é" (Vygotsky, 1998, p. 117).

Wallon, citado por Felipe (2001), vê o brincar como uma atividade que integra corpo, emoção e pensamento, sendo uma manifestação da totalidade da criança. Ele considera que o lúdico permite que as crianças expressem sentimentos, experimentem papéis sociais e desenvolvam sua identidade. O brincar, nesse sentido, é um espaço de construção de si e de interação com o outro, promovendo uma compreensão mais ampla do mundo.

Barbosa e Horn (2001) enfatizam que o espaço e o tempo para o brincar na educação infantil devem ser cuidadosamente planejados, de modo a permitir tanto o brincar livre quanto o orientado. A escola deve oferecer um ambiente rico em estímulos, com materiais variados e acessíveis, onde a criança possa explorar, criar e interagir com os colegas. Para os autores, "a organização do espaço e do tempo na educação infantil deve garantir à criança o direito ao brincar, respeitando seu ritmo, suas escolhas e suas necessidades".

O brincar, assim, não é apenas uma atividade recreativa; é um elemento indispensável para o desenvolvimento infantil, contribuindo para a formação integral das crianças. Compreendê-lo a partir de diferentes perspectivas teóricas e práticas reforça a importância de valorizá-lo na educação infantil, tanto em momentos de liberdade quanto em atividades orientadas, sempre respeitando o protagonismo da criança e sua capacidade criativa.

3 A BRINCADEIRA COMO FERRAMENTA DE APRENDIZAGEM

A brincadeira, além de ser uma atividade prazerosa e natural na infância, constitui-se como uma ferramenta poderosa para o desenvolvimento cognitivo e a construção de conhecimento. Por meio dela, a criança explora o mundo ao seu redor, experimenta novas ideias, resolve problemas e internaliza conceitos fundamentais para sua formação. Segundo Delval (2003), "o ato de brincar é um processo de criação e recriação de conhecimento, no qual a criança age como protagonista de seu aprendizado".

O desenvolvimento cognitivo refere-se ao progresso das habilidades de pensamento, memória, resolução de problemas e linguagem, essenciais para a adaptação e compreensão do mundo. Piaget (1964) afirma que o brincar permite à criança realizar processos de assimilação e acomodação, ajustando suas estruturas mentais às demandas do ambiente. Para ele, o jogo simbólico, por exemplo, favorece a imaginação e a internalização de papéis sociais, elementos cruciais para o desenvolvimento cognitivo.

Juan Delval, em seu texto, “O conhecimento, um processo de criação”, apresenta uma análise abrangente e fundamentada sobre o processo de construção do conhecimento humano, embasando-se nos princípios do Construtivismo propostos por Jean Piaget. Para Delval, o conhecimento não é algo adquirido de forma passiva, pelo contrário, é o resultado de um processo ativo, no qual o sujeito interage com o meio ambiente, construindo e reconstruindo estruturas cognitivas progressivamente mais complexas.

Piaget, conforme destacado por Delval, concebe o conhecimento como uma relação dinâmica entre o indivíduo e o ambiente, onde as ideias e compreensões não são transmitidas de forma pronta, mas emergem de interações que envolvem ação, reflexão e reorganização mental. Delval explora os conceitos centrais do Construtivismo, descrevendo como Piaget entende as estruturas mentais — chamadas de esquemas — que evoluem ao longo do desenvolvimento infantil. Esses esquemas são constantemente transformados por dois processos complementares: assimilação, em que o indivíduo incorpora novas informações às estruturas já existentes, e acomodação, que ocorre quando as estruturas cognitivas se ajustam para se adaptar às novas experiências.

Os Estágios de Desenvolvimento Cognitivo propostos por Piaget — sensório-motor, pré-operacional, operacional concreto e operacional formal — são apontados como marcos fundamentais da construção do conhecimento, cada um representando diferentes capacidades cognitivas que refletem a progressão do desenvolvimento intelectual. Nesse contexto, Delval destaca a relevância da epistemologia genética, que fundamenta o pensamento de Piaget, ao buscar compreender como o conhecimento é adquirido, transformado e sistematizado ao longo da vida. Para Piaget, o conhecimento é fruto de uma interação contínua entre sujeito e objeto, em um processo dinâmico de trocas e retroalimentação.

Um ponto central da análise de Delval é a ênfase de Piaget na ação como elemento essencial para a construção do conhecimento. Ele ressalta que a aprendizagem ocorre principalmente por meio da manipulação ativa do ambiente e das experiências concretas, reforçando a concepção de que “aprender é fazer”. Piaget rompe, assim, com visões tradicionais que tratam o conhecimento como uma mera reprodução da realidade, afirmando que conhecer é, sobretudo, criar. Esse processo criativo resulta de interações constantes e transformadoras entre o sujeito e seu meio.

Além disso, Delval evidencia a relevância do Construtivismo para a educação, especialmente na educação infantil. Ele argumenta que o papel do educador vai além da simples transmissão de informações, devendo criar condições que estimulem a

curiosidade, a exploração e a construção ativa do conhecimento pelos alunos. Essa abordagem valoriza o protagonismo das crianças no processo de aprendizado, promovendo uma educação mais significativa e alinhada às suas necessidades cognitivas e emocionais.

O texto de Delval, ao iluminar a contribuição de Piaget, destaca a importância de uma prática pedagógica que reconheça as crianças como agentes do próprio desenvolvimento, propondo uma educação que privilegie a interação, a experimentação e o envolvimento ativo como bases para a construção do saber.

Já Vygotsky (1998) destaca que o brincar tem um papel central na formação das funções psicológicas superiores, como o pensamento abstrato e a atenção voluntária. O autor enfatiza a importância da interação social durante as brincadeiras, argumentando que "as crianças aprendem primeiro no plano social e, posteriormente, no plano individual". Assim, o brincar não apenas promove o desenvolvimento cognitivo, mas também contribui para a aprendizagem cultural e a construção do conhecimento.

Certas brincadeiras são especialmente eficazes para estimular o raciocínio lógico, a criatividade e a capacidade de resolver problemas. Atividades como jogos de tabuleiro, quebra-cabeças e construção com blocos desafiam as crianças a pensar criticamente, encontrar soluções e planejar ações. Segundo Kishimoto (2010), "essas brincadeiras promovem o desenvolvimento da concentração, do planejamento e da tomada de decisões, habilidades fundamentais para o aprendizado em diferentes contextos".

Brincadeiras que envolvem narrativas criativas, como teatro de fantoches ou contar histórias, também são ferramentas poderosas para estimular a imaginação e a expressão verbal. Felipe (2001) argumenta que essas atividades ajudam as crianças a compreenderem e reorganizarem suas emoções, além de explorarem novas perspectivas sobre o mundo.

A introdução de brincadeiras que associam letras, palavras e números ao cotidiano das crianças pode ser uma estratégia eficiente para incentivar a alfabetização e o letramento. Jogos como bingo de palavras, memória com figuras e letras, ou mesmo brincadeiras de rimas e cantigas, facilitam a familiarização com os códigos linguísticos de forma divertida e interativa.

Maffioletti (2001) destaca a relevância das práticas musicais, como cantigas e brincadeiras rítmicas, na introdução da linguagem escrita. "A música, ao integrar ritmo, melodia e palavras, ajuda as crianças a desenvolverem a consciência fonológica, habilidade essencial para o processo de alfabetização" (Maffioletti, 2001, p. 45).

Barbosa e Horn (2001) também ressaltam que o espaço e o tempo na educação infantil devem ser organizados de modo a favorecer essas práticas lúdicas. Para os autores, "as brincadeiras com palavras, histórias e jogos de escrita estimulam o interesse pelo mundo da leitura e da escrita, além de promoverem interações sociais ricas e significativas".

O brincar, quando utilizado como ferramenta de aprendizagem, transcende o mero entretenimento, tornando-se um mecanismo essencial para o desenvolvimento cognitivo, social e emocional. Através de atividades lúdicas, as crianças constroem conhecimento, desenvolvem habilidades complexas e se preparam para os desafios do aprendizado formal. Portanto, reconhecer e valorizar a brincadeira como parte integral da educação infantil é garantir que as crianças tenham acesso a experiências que as estimulem de maneira completa e significativa.

4 DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL E SOCIAL

O desenvolvimento emocional e social é um aspecto essencial da infância e encontra no brincar uma ferramenta privilegiada para promover o equilíbrio emocional e a convivência saudável com o outro. Por meio das brincadeiras, as crianças têm a oportunidade de expressar, compreender e lidar com suas emoções, bem como de aprender habilidades sociais fundamentais como empatia, cooperação e respeito às regras.

O ato de brincar oferece às crianças um espaço seguro para expressar suas emoções de maneira criativa e espontânea. Kishimoto (2010) destaca que, ao brincar, a criança externaliza seus sentimentos, como alegria, frustração ou medo, e encontra formas de enfrentá-los. Piaget (1964) também argumenta que, no brincar simbólico, a criança projeta suas emoções em personagens ou cenários imaginários, o que facilita a compreensão e o controle emocional. Essa expressão simbólica permite que elas enfrentem conflitos internos e experimentem diferentes perspectivas emocionais, contribuindo para o desenvolvimento de sua inteligência emocional.

As interações promovidas pelas brincadeiras são essenciais para que as crianças desenvolvam habilidades sociais, como empatia e cooperação. Segundo Vygotsky (1998), o brincar é uma atividade mediada socialmente, na qual as crianças aprendem a considerar o ponto de vista do outro, compartilhar experiências e trabalhar em grupo para alcançar objetivos comuns. Felipe (2001) acrescenta que o brincar em contextos educativos permite que as crianças explorem temas relacionados à convivência e aos valores,

fortalecendo a capacidade de se colocar no lugar do outro e de construir relações mais harmoniosas.

As brincadeiras em grupo oferecem às crianças oportunidades valiosas para aprender e internalizar as regras sociais. Jogos que envolvem turnos, cooperação ou competição ensinam habilidades como esperar a vez, seguir normas e negociar conflitos. Barbosa e Horn (2001) ressaltam que o brincar em grupo cria situações de convivência nas quais as crianças experimentam e constroem comportamentos éticos e sociais. Essas experiências ajudam a consolidar valores como respeito, justiça e solidariedade.

Exemplos práticos incluem brincadeiras como esconde-esconde, onde é necessário seguir regras e negociar as posições; ou atividades cooperativas como montar um quebra-cabeça em grupo, que exige paciência e colaboração. Delval (2003) enfatiza que tais atividades são fundamentais para o desenvolvimento social, pois possibilitam a vivência de situações que simulam os desafios e interações encontrados na vida cotidiana.

O educador desempenha um papel essencial na mediação e na organização do brincar como ferramenta para o desenvolvimento emocional e social. Segundo Barbosa e Horn (2001), a disposição do espaço e a escolha de materiais devem ser planejadas para promover interações e estimular a criatividade. Assim, as crianças encontram oportunidades de desenvolver sua autonomia e construir vínculos sociais significativos.

Além de ser uma atividade lúdica, o brincar, é uma prática essencial para o desenvolvimento integral da criança. Ele favorece a expressão e o manejo das emoções, promove habilidades sociais como empatia e cooperação, e ensina regras fundamentais para a convivência em sociedade. Ao oferecer experiências ricas e variadas de brincadeiras, tanto em contextos escolares quanto familiares, é possível contribuir para o desenvolvimento emocional e social das crianças, preparando-as para os desafios da vida adulta de forma saudável e equilibrada.

5 DESENVOLVIMENTO MOTOR E FÍSICO

O desenvolvimento motor e físico desempenha um papel crucial na infância, influenciando não apenas a saúde física, mas também aspectos cognitivos, emocionais e sociais. As brincadeiras se configuram como ferramentas fundamentais para o aprimoramento das habilidades motoras e para a promoção de um crescimento saudável e equilibrado.

A coordenação motora grossa, que envolve movimentos amplos como correr,

pular e escalar, é estimulada por brincadeiras que promovem atividade física intensa. Kishimoto (2010) aponta que jogos como pega-pega, amarelinha e brincadeiras em parques auxiliam no fortalecimento muscular e na melhoria do equilíbrio e da postura. Já a coordenação motora fina, responsável por movimentos mais precisos, como desenhar, cortar ou manipular pequenos objetos, é desenvolvida em atividades como pintura, modelagem com argila ou brincadeiras de montar blocos.

Piaget (1964) afirma que o brincar é uma oportunidade para a criança exercitar e aperfeiçoar suas habilidades motoras, integrando essas capacidades ao desenvolvimento cognitivo. Assim, cada movimento, seja amplo ou delicado, contribui para a formação de um repertório motor que será utilizado ao longo de toda a vida.

As atividades físicas regulares são essenciais para o crescimento saudável, ajudando a fortalecer ossos e músculos, melhorar a circulação sanguínea e prevenir problemas de saúde, como obesidade infantil. Barbosa e Horn (2001) destacam que o ambiente escolar deve oferecer espaços adequados para a prática de atividades motoras, permitindo que as crianças explorem diferentes formas de movimento e compreendam os limites e capacidades de seus corpos.

A percepção corporal, que envolve a consciência do próprio corpo no espaço, também é aprimorada por meio do movimento. Brincadeiras como danças ou atividades que utilizam música, conforme Maffioletti (2001), ajudam as crianças a integrar ritmo, coordenação e controle motor, promovendo a harmonia entre mente e corpo.

Movimentos corporais desempenham um papel significativo no desenvolvimento cognitivo e comportamental. Vygotsky (1998) argumenta que a interação social mediada pelo movimento, como nas brincadeiras em grupo, estimula o aprendizado por meio da colaboração e da resolução de problemas. Além disso, atividades motoras criam oportunidades para a criança planejar e executar ações, habilidades essenciais para o pensamento lógico e a organização mental.

Delval (2003) reforça que o movimento está intrinsecamente ligado ao processo de construção do conhecimento, pois as ações realizadas pelas crianças no ambiente físico contribuem para a formação de conceitos espaciais, temporais e causais. Esse vínculo entre corpo e mente evidencia a importância do brincar para o aprendizado integral.

As brincadeiras, além de promoverem a saúde física, têm impactos profundos no desenvolvimento motor, na percepção corporal e nas habilidades cognitivas e comportamentais das crianças. O movimento, seja ele espontâneo ou guiado, é uma via essencial para o desenvolvimento integral, permitindo que as crianças explorem,

experimentem e compreendam o mundo ao seu redor. Assim, tanto os educadores quanto os pais devem valorizar e incentivar o brincar ativo como uma prática indispensável para o crescimento e a formação da criança.

6 O AMBIENTE ESCOLAR E O BRINCAR

O ambiente escolar exerce papel central no estímulo ao brincar, sendo um espaço privilegiado para o desenvolvimento integral das crianças. Ao oferecer uma estrutura que priorize a ludicidade, as instituições de educação infantil contribuem para o aprendizado, a socialização e a construção de habilidades cognitivas e emocionais essenciais para a formação dos pequenos.

A organização do espaço e do tempo na educação infantil é fundamental para proporcionar experiências enriquecedoras. Barbosa e Horn (2001) destacam que um ambiente bem planejado deve permitir que a criança explore livremente, com espaços diversificados que estimulem a criatividade, o movimento e a interação. A divisão entre áreas internas e externas, com elementos que incentivem tanto o brincar individual quanto coletivo, favorece o desenvolvimento das múltiplas dimensões da criança.

A presença de materiais variados, como brinquedos, jogos, livros e instrumentos musicais, também é indispensável. Segundo Kishimoto (2010), esses recursos precisam ser acessíveis e dispostos de forma atrativa, promovendo a autonomia das crianças ao escolherem suas atividades e explorarem suas habilidades.

Espaços bem organizados são capazes de estimular o brincar de maneira natural e integrada. Uma área externa com areia, brinquedos para escalada e árvores para brincadeiras ao ar livre favorece o desenvolvimento motor e a conexão com a natureza. Já um espaço interno, equipado com cantos temáticos — como casinha, biblioteca e área de artes —, proporciona oportunidades para o faz de conta, a leitura e a expressão criativa.

Felipe (2001) reforça que a flexibilidade desses ambientes é essencial para atender às diferentes necessidades e interesses das crianças, considerando sua diversidade cultural, social e emocional. Além disso, o uso de materiais recicláveis e elementos naturais, como folhas, galhos e pedras, estimula a criatividade e promove a consciência ambiental desde cedo.

Os professores e mediadores desempenham um papel crucial no desenvolvimento do brincar, atuando como facilitadores e incentivadores das experiências infantis. Vygotsky (1998) enfatiza que o adulto é essencial para mediar as interações e expandir

as zonas de desenvolvimento proximal das crianças, ajudando-as a avançar em seus aprendizados e habilidades.

Os educadores devem observar as brincadeiras com atenção, intervindo de maneira sensível e apropriada para enriquecer a experiência sem limitar a autonomia infantil. Delval (2003) afirma que o diálogo entre professor e criança durante o brincar promove a construção de significados, possibilitando que o aprendizado ocorra de forma contextualizada e significativa.

Além disso, o planejamento pedagógico deve incorporar momentos de brincadeira livre e dirigida, equilibrando a espontaneidade das crianças com propostas que incentivem o aprendizado de valores, como cooperação e respeito ao outro.

O ambiente escolar, aliado ao papel mediador do educador, constitui uma base sólida para o desenvolvimento integral das crianças. Um espaço bem estruturado e rico em materiais oferece às crianças a liberdade de brincar, explorar e aprender, enquanto os professores atuam como guias atentos, promovendo interações que enriquecem a experiência lúdica. Assim, o brincar na escola transcende a diversão, consolidando-se como um elemento essencial para o crescimento e a formação das crianças.

7 BRINCAR E A PROMOÇÃO DA AUTONOMIA INFANTIL

O brincar é um elemento essencial no desenvolvimento da autonomia infantil, pois oferece às crianças a oportunidade de tomar decisões, resolver problemas e explorar o mundo de forma independente. Essa prática, ao mesmo tempo natural e intencional, é fundamental para construir habilidades que reforçam a autoconfiança e o senso de capacidade dos pequenos, elementos cruciais para seu crescimento integral.

Ao brincar, as crianças exercitam sua capacidade de escolha, definindo quais atividades desejam realizar, como organizar os recursos disponíveis e de que maneira interagir com seus pares. Barbosa e Horn (2001) destacam que um ambiente que valoriza a autonomia infantil deve permitir que as crianças tenham liberdade para explorar, sem restrições excessivas, fomentando a independência.

Brincadeiras que envolvem jogos simbólicos ou construção de cenários fictícios são especialmente poderosas nesse sentido, pois demandam que a criança organize suas ideias, tome decisões sobre papéis e regras e encontre soluções para desafios que surgem ao longo da atividade (Kishimoto, 2010).

O brincar também é uma ferramenta valiosa para fortalecer a autoconfiança.

Piaget (1964) destaca que, ao superar pequenos desafios em atividades lúdicas, como montar um quebra-cabeça ou construir uma torre de blocos, as crianças percebem suas capacidades e desenvolvem um senso positivo de si mesmas. Essa percepção é reforçada pela repetição e pela celebração de conquistas, que ajudam a internalizar a ideia de que são competentes e capazes de enfrentar novos desafios.

Brincadeiras que envolvem movimentos, como subir em estruturas de playground ou jogos de equilíbrio, também promovem a autoconfiança. Delval (2003) argumenta que essas experiências possibilitam à criança compreender melhor seus limites físicos e emocionais, ao mesmo tempo em que reconhece suas conquistas e habilidades.

O ato de brincar é, por natureza, um convite à criatividade. Quando incentivadas a explorar materiais, espaços e ideias de maneira autônoma, as crianças desenvolvem sua capacidade de pensar de forma inovadora e resolver problemas. Vygotsky (1998) afirma que a imaginação infantil é um componente essencial para a construção de conhecimento, e o brincar independente oferece um terreno fértil para a expansão dessa habilidade.

Espaços preparados com materiais abertos — como tecidos, blocos de madeira e elementos da natureza — permitem que as crianças explorem múltiplas possibilidades de uso e inventem suas próprias brincadeiras. Felipe (2001) reforça que esses recursos estimulam a exploração e a criatividade, promovendo o desenvolvimento cognitivo e emocional.

Portanto, o brincar desempenha um papel essencial na promoção da autonomia infantil, oferecendo um ambiente seguro e enriquecedor para a tomada de decisões, o fortalecimento da autoconfiança e a expressão criativa. Professores e cuidadores, ao reconhecerem o valor dessas experiências, podem criar ambientes e oportunidades que estimulem o brincar independente, contribuindo significativamente para o desenvolvimento integral das crianças. Dessa forma, o brincar não é apenas uma atividade lúdica, mas uma ferramenta poderosa para formar indivíduos seguros, criativos e autônomos.

8 O BRINCAR NA PERSPECTIVA DAS POLÍTICAS PÚBLICAS

O direito ao brincar é uma conquista garantida por legislações e políticas públicas que reconhecem o lúdico como um elemento essencial para o desenvolvimento infantil. Na educação infantil, o brincar é uma prática que transcende o caráter recreativo, sendo considerado um pilar fundamental para a construção de habilidades cognitivas, sociais,

motoras e emocionais.

A Constituição Federal de 1988, em seu artigo 227, estabelece a proteção integral da criança, incluindo o direito ao lazer, do qual o brincar é parte essencial. De forma mais específica, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), em seu artigo 16, reforça o direito ao brincar como um aspecto indispensável para o desenvolvimento pleno da criança.

Na esfera educacional, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) destacam que as instituições devem proporcionar práticas pedagógicas que articulem o cuidado, a educação e o brincar, garantindo que este seja parte integrante do currículo. Conforme Barbosa e Horn (2001), a organização do espaço e do tempo deve permitir que o brincar seja vivenciado de maneira significativa e respeite as diferentes fases do desenvolvimento infantil.

A valorização do brincar no currículo da educação infantil é essencial para assegurar que o desenvolvimento integral das crianças seja priorizado. Kishimoto (2010) ressalta que o lúdico favorece a aprendizagem significativa, permitindo que as crianças desenvolvam sua criatividade, autonomia e habilidades sociais por meio de experiências práticas e envolventes.

Além disso, políticas públicas que incentivam a formação continuada de professores para o uso do lúdico em sala de aula são fundamentais. Delval (2003) afirma que a capacitação docente fortalece o entendimento de que o brincar não é apenas recreação, mas uma estratégia pedagógica com grande impacto no desenvolvimento infantil.

Diversos programas nacionais e internacionais têm sido criados para promover o brincar como parte do desenvolvimento infantil. No Brasil, iniciativas como o Programa Criança Feliz, do Ministério da Cidadania, enfatizam o brincar como uma ferramenta de estímulo ao desenvolvimento cognitivo e emocional na primeira infância.

Nas escolas, projetos pedagógicos que integram o brincar em atividades regulares, como rodas de jogos, brincadeiras simbólicas e atividades musicais, mostram-se efetivos. Maffioletti (2001) destaca a importância da música como recurso lúdico para promover interações significativas e fortalecer vínculos.

No âmbito internacional, iniciativas como a Campanha Global pelo Direito de Brincar, liderada pela International Play Association (IPA), reforçam a necessidade de políticas que assegurem espaços e tempo dedicados ao brincar.

As políticas públicas que asseguram e incentivam o brincar na educação infantil

são um reflexo do reconhecimento de sua importância no desenvolvimento integral das crianças. Para que essas políticas sejam efetivas, é essencial que haja a articulação entre os marcos legais, o currículo escolar e a formação docente. Como apontado por Vygotsky (1998), o brincar não é apenas um ato espontâneo, mas um mediador essencial para o desenvolvimento cognitivo e social, devendo, portanto, ser central nas práticas e políticas educacionais.

9 DESAFIOS PARA A VALORIZAÇÃO DO BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL

O brincar é amplamente reconhecido como essencial para o desenvolvimento integral das crianças, mas sua valorização ainda enfrenta desafios significativos no contexto da educação infantil. Tais dificuldades envolvem a resistência cultural, pressões por resultados acadêmicos precoces e a necessidade de mudança de mentalidade entre educadores, famílias e gestores.

Um dos principais obstáculos para a valorização do brincar nas escolas é a visão limitada que associa a prática exclusivamente ao lazer ou à distração, desconsiderando seu potencial pedagógico. Segundo Barbosa e Horn (2001), muitos gestores e educadores ainda não compreendem plenamente a importância do brincar como mediador do desenvolvimento cognitivo, emocional e social.

Além disso, professores frequentemente enfrentam dificuldades em integrar o brincar ao currículo de forma significativa, seja por falta de formação adequada ou por condições estruturais desfavoráveis, como espaços limitados e materiais insuficientes. Conforme Felipe (2001), a ausência de apoio institucional reforça a ideia de que o brincar é secundário em relação a outras práticas educacionais.

A crescente ênfase em currículos mais acadêmicos, voltados para o desenvolvimento de habilidades de leitura, escrita e cálculo desde a primeira infância, tem deslocado o brincar para um papel periférico. Kishimoto (2010) argumenta que essa tendência ignora o fato de que o brincar é uma atividade natural que potencializa a aprendizagem ao promover a exploração, a experimentação e a resolução de problemas de forma lúdica.

Piaget (1964) e Vygotsky (1998) reforçam que o brincar desempenha um papel crucial na construção do pensamento simbólico e na internalização de conceitos. No entanto, sob a pressão de resultados mensuráveis, muitas instituições priorizam práticas

didáticas formais, reduzindo as oportunidades para que as crianças se engajem em brincadeiras significativas.

Superar a visão limitada do brincar exige esforços conjuntos entre educadores, famílias e gestores. É fundamental promover a conscientização sobre o valor do brincar como um recurso essencial para o desenvolvimento integral. Delval (2003) destaca que o brincar não é uma atividade trivial, mas sim uma forma de construção ativa do conhecimento, envolvendo tomada de decisões, interação social e experimentação do mundo ao redor.

Para mudar essa percepção, é necessário investir na formação continuada dos professores para que compreendam o brincar como estratégia pedagógica e saibam integrá-lo ao currículo, bem como, envolver as famílias no entendimento do brincar como parte do aprendizado, por meio de diálogos e eventos que demonstrem seus benefícios.

Além disso, é fundamental promover políticas institucionais que garantam espaço, tempo e recursos adequados para o brincar.

Valorizar o brincar na educação infantil exige superar desafios estruturais, culturais e pedagógicos. Conforme apontado por Maffioletti (2001), integrar o lúdico às práticas escolares requer um esforço coletivo para transformar o olhar sobre a infância, priorizando o desenvolvimento integral das crianças em vez de resultados imediatos. O brincar, longe de ser apenas passatempo, é uma ponte para aprendizagens significativas, autonomia e criatividade.

10 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A valorização do brincar na educação infantil é essencial para o desenvolvimento integral das crianças, abrangendo aspectos cognitivos, sociais, emocionais e físicos. Este trabalho explora diferentes dimensões do brincar, destacando sua contribuição para a autonomia, criatividade, fortalecimento das interações sociais e construção de aprendizagens significativas.

Mais do que entretenimento, o brincar configura-se como uma prática pedagógica essencial, promovendo a exploração, experimentação e resolução de problemas. Referências teóricas como Piaget (1964) e Vygotsky (1998) reforçam sua importância no desenvolvimento do pensamento simbólico, na internalização de conceitos e na formação da identidade infantil.

As políticas públicas têm um papel fundamental, garantindo o direito ao brincar

por meio de legislações e iniciativas que incentivam práticas lúdicas. No entanto, desafios persistem, como a pressão por currículos acadêmicos, a visão do brincar como mero passatempo e a falta de estrutura e formação docente.

Superar essas barreiras exige um esforço conjunto de gestores, educadores e famílias para criar uma cultura que reconheça o brincar como um direito essencial e um recurso pedagógico indispensável. Isso inclui investir na formação de professores, disponibilizar espaços e materiais adequados e sensibilizar as famílias sobre sua relevância no desenvolvimento infantil.

Conclui-se que o brincar é mais do que uma atividade natural da infância; é um pilar indispensável para o aprendizado, o bem-estar e a vivência plena dessa etapa essencial da vida. Sua valorização deve permear desde o planejamento pedagógico até as políticas públicas, garantindo que todas as crianças usufruam desse direito fundamental.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, M.C.S.; HORN, M.G.S. **Organização do Espaço e do Tempo da criança na Escola Infantil**. In CRAIDY, Maria. KAERCHER, Gládis. Educação Infantil: pra que te quero? Porto Alegre: Artmed, 2001.
- DELVAL, Juan. **O conhecimento, um processo de criação** in CARBONELL, J. Pedagogias do século XX. ed. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- FELIPE, Jane. **Sexualidade, gênero e novas configurações familiares**: algumas implicações para a educação infantil. In CRAIDY, Maria. KAERCHER, Gládis. Educação Infantil: pra que te quero? Porto Alegre: Artmed, 2001.
- KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **O brincar e suas teorias**. 6. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2010.
- MAFFIOLETTI, L.A. **Práticas Musicais na Educação Infantil**. In CRAIDY, Maria. KAERCHER, Gládis. Educação Infantil: pra que te quero? Porto Alegre: Artmed, 2001.
- PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação**. Rio de Janeiro: Zahar, 1964.
- RODRIGUES, Renato; GONÇALVES, JOSÉ Correia. **Procedimentos de metodologia científica**. 11. Ed. Lages, SC: PAPERVEST, 2023.
- VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.